

**Luciana de Albuquerque Moreira
Jacqueline Aparecida de Souza
Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus**
Organizadoras

INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Florianópolis, SC
Rocha Gráfica e Editora Ltda.
2020

Selo Nyota

Coordenação do Selo

Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Nathália Lima Romeiro

Site: <https://www.nyota.com.br/>

Comissão de avaliadores *ad-hoc*

Dra. Ana Amélia Lage Martins (UNIRIO)

Dr. Edivanio Duarte de Souza (UFAL)

Dr. Guilherme Ataíde Dias (UFPB)

Dra. Janicy Aparecida Pereira Rocha (UNIRIO)

Dr. José Eduardo Santarem Segundo (USP)

Dra. Maria Cristiane Barbosa Galvão (USP)

Dra. Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo (UFMG)

Dr. Gustavo Saldanha (UNIRIO)

Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva (UFCA)

Dra. Julianne Teixeira e Silva (UFPB)

Dr. Wagner Junqueira de Araújo (UFPB)

Comissão científica e editorial

Me. Francisco de Assis Noberto G. de Araújo

Dra. Jacqueline Aparecida de Souza

Dra. Monica Marques Carvalho Gallotti

Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

Dra. Luciana de Albuquerque Moreira

Dra. Nancy Sánchez Tarragó

Diagramação: Franciéle Garcês, Nathália Lima Romeiro

Arte da Capa: Franciéle Garcês

Revisão textual: Pedro Giovâni da Silva, Franciéle Garcês

Ficha Catalográfica: Priscila Fevrier – CRB 7-6678

143

Informação na sociedade contemporânea / Luciana de Albuquerque Moreira;
Jacqueline Aparecida de Souza; Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus (Org.)
- Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota)
338 p.

Inclui Bibliografia.

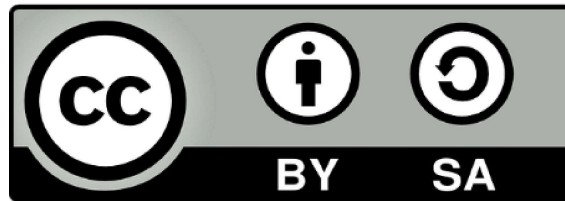
Disponível em: <https://www.nyota.com.br/>.

ISBN 978-65-87264-05-9 (impresso)

ISBN 978-65-87264-06-6 (ebook)

1. Ciência da Informação. 2. Informação. I. Moreira, Luciana de Albuquerque. II. Souza, Jacqueline Aparecida de. III. Tanus, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho IV. Título.

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA *CREATIVE COMMONS*



Atribuição – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil¹

É permitido:

- Copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- Criar obras derivadas

Condições:



ATRIBUIÇÃO

Você deve dar o crédito apropriado ao(s) autor(es) ou à(s) autora(s) de cada capítulo e às organizadoras da obra.



COMPARTILHAMENTO POR MESMA LICENÇA

Se você remixar, transformar ou criar a partir desta obra, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença² que este original.

¹ Licença disponível em: <https://goo.gl/rqWWG3>. Acesso em: 01 jun. 2019.

² Licença disponível em: <https://goo.gl/Kdfiy6>. Acesso em: 01 jun. 2019.

REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS E SIGNIFICAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Giovana Deliberati Maimone

1 INTRODUÇÃO

As imagens são protagonistas de assimilação informacional da sociedade atual, apresentando-se através de diferentes formas, portando objetivos e suportes variados e sendo objetos de desejos de públicos diversos. Tais documentos requerem, portanto, tratamento documentário diferenciado de outros tipos documentais. Neste trabalho, as imagens serão tratadas de modo abrangente, não especificando formatos e/ou tipologia funcional; considerando-as como toda e qualquer forma de expressão trabalhada sobre uma tela fixa e não-verbal.

Os avanços dos meios de comunicação influenciaram e influenciam diretamente a distribuição (mais abrangente e rápida) e o uso das imagens, ampliando assim as possibilidades de acesso aos registros documentários (AGUSTÍN LACRUZ, 2015). Por este motivo, é fundamental assegurar a recuperação de qualidade aos usuários, suprimindo assim suas necessidades informacionais.

A representação da imagem para posterior recuperação da informação pelo usuário é o objetivo principal deste trabalho que se vincula diretamente à significação da informação atribuída, sempre, pelo receptor do documento. É relevante ressaltar que devem existir procedimentos para a execução da representação, em muitos casos presentes nas próprias políticas institucionais (para elaboração do resumo documentário, tratamento dos termos de indexação e alimentação do sistema) e ferramentas linguísticas como é o caso dos vocabulários controlados em que os termos sinônimos devem ser equivalentes e a seleção da preferência por um deles é realizada (estabelecida) previamente.

Os estudos sobre análise documental sempre estiveram pautados no labor com materiais impressos. Porém, com o passar do tempo e a inserção de novas tecnologias e mídias no ambiente social das bibliotecas e das unidades de informação, a área teve, por necessidade, que ampliar seu foco de estudo e prática.

Atualmente, as imagens atingem uma vasta camada social que recebe e emite informação a todo momento, seja ela estética, epistêmica, funcional, simbólica, etc. Tal característica revela que sua própria elaboração pressupõe um determinado público e um canal de comunicação.

Nem todo usuário está apto a receber, assimilar e apropriar-se de imagens, em alguns casos, bastante complexas, e que requerem conhecimentos especializados. Por este motivo, e para tornar estes materiais mais acessíveis, a Ciência da Informação intenta traduzir (no sentido estrito da palavra) a linguagem imagética em informação verbal. É necessário, portanto, elaborá-la⁴² (a informação documental) para transmiti-la.

Para conceituar o termo informação no domínio da Ciência da Informação, Le Coadic (2004, p. 4) profere: “A informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. Independentemente do suporte em que esteja inscrita, é fundamental representá-la para o adequado funcionamento dos sistemas de recuperação, assegurando assim fidedignidade ao material tratado, oferecendo-lhe autenticidade, já que do documento recuperado podem se originar novos conhecimentos.

Aspectos de novidade e relevância presentes na informação agregam valor ao processo comunicativo, pois possibilitam a geração/transformação do conhecimento por meio de seleção e interpretação de significados num contexto específico (CAPURRO;

⁴² A elaboração de informações documentais, como é conhecida na área, envolve uma série de atividades (leitura, extração, análise, seleção, tradução dos documentos, dentre outras) que cumprem com a finalidade de representar os documentos de modo sintético e claro.

HJØRLAND, 2007). Portanto, todo documento que traga novidade e seja relevante para o usuário é fonte potencial de informação.

No contexto imagético, uma informação pode estar contida em diversos suportes (fotografia, pintura, desenho, projetos de arquitetura, etc.) e possuir significados diferentes atribuídos pelo expectador. Apesar da interpretação ficar por conta do usuário, o profissional da informação pode auxiliar na busca dos materiais constantes do acervo indicando pistas de acesso (descritivas e temáticas) que indiquem os documentos de modo objetivo.

Neste sentido, são apresentadas formas de representação informacional de imagens, produtos de investigações da área que refletem preocupações com a atribuição de significado pelos usuários para a recuperação dos documentos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica e descritiva, utilizando-se do levantamento de referências para relato, elaboração de inferências, fundamentação teórica e sustentação dos argumentos a fim de promover reflexão e validação científica. Neste sentido, não é pretensão deste trabalho e nem seria possível apresentar todas as metodologias ou propostas de representação de imagens em apenas algumas páginas. Por isto, limitamos a apresentar alguns textos encontrados nas plataformas abaixo relacionadas que contextualizam de forma objetiva o tratamento – representação da informação para que ela se torne significativa para o usuário mostrando de modo claro, como algumas perguntas, por exemplo, podem ser feitas aos materiais imagéticos.

Para a investigação ora proposta e valendo-se do acesso presencial e remoto disponibilizado pela Universidade de São Paulo por suas bases de dados nacionais e internacionais, utilizou-se como fonte de pesquisa: catálogo dédalus, livros e periódicos da área de Ciência da Informação, normas e padrões nacionais e internacionais e as seguintes bases de dados: LISA (*Library and Information Science Abstracts*), ISTA (*Information Science & Technology Abstracts*) e

BRAPCI (Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação).

Foram encontrados muitos resultados, porém, o recorte necessário se deu a partir dos documentos que trouxeram elementos significativos para estabelecer certa ordem temporal de ocorrência das “descobertas” em representação de imagens que tangenciassem de algum modo o usuário da informação para possível atribuição de significado.

3 REPRESENTAÇÃO DE IMAGENS

Segundo Toutain (2007, p. 91, grifos da autora) representação é:

[...] uma habilidade inata; consiste em perceber, descrever, gravar e interpretar uma informação. A representação é um processo em que se imbricam dois **mecanismos** – um **visual**, e outro, **mental** (TOUTAIN, 2007, p. 91, **grifos da autora**).

Tais mecanismos podem ser melhor compreendidos a partir da explicação abaixo:

A visão é capaz de captar detalhadamente as características, nomes e propriedades dos objetos e fazer uso de uma linguagem (verbal) que os denota e qualifica. Logo, representa, ou seja, conectada à central elétrica que é o cérebro, descreve e registra a informação percebida pelo olho, descreve-a, identifica-a e, por último, interpreta-a (TOUTAIN, 2007, p. 91).

É possível representar uma imagem a partir de suas características físicas e temáticas, e cada operação requer uma carga de conhecimentos diferentes, alguns mais específicos que outros,

como mostrado mais adiante. Na parte descritiva, geralmente, são extraídas características físicas do documento como título, autor, dimensões, ano/período de execução etc., e na parte temática as de assunto, que podem variar de instituição para instituição (estilo artístico, características específicas da época em que o retrato foi tirado, artistas ou conjuntos de documentos que se relacionam diretamente com a obra etc.). Em geral, para estes últimos, são utilizados vocabulários controlados para padronização terminológica, controle do acervo e sucesso na recuperação informacional.

Códigos e padrões geralmente servem de modelos de representação. Porém, cada instituição molda e detalha sua base de dados de acordo com suas necessidades. A representação descritiva imagética pode ser enquadrada na categoria de “Materiais Gráficos” se tomarmos como base o Manual de Catalogação de Recursos Bibliográficos (RIBEIRO, 2003) sendo que suas áreas de descrição e respectivas fontes de informação são (Quadro 1):

Quadro 1. Fontes principais de informação para cada área da descrição de materiais gráficos.

ÁREAS	FONTES DE INFORMAÇÃO
1 Título e indicação de responsabilidade	Fonte principal de informação
2 Edição 4 Publicação, distribuição etc. 6 Série	Fonte principal de informação, contêiner, material adicional
5 Descrição física 7 Notas 8 Número normalizado	Qualquer fonte

Fonte: Ribeiro (2003, p. 7-8).

Em ambiente digital tanto as características físicas quanto as de assunto são trabalhadas sobre uma mesma plataforma, integrando-as a fim de expor o documento da forma mais completa possível, incluindo todos os dados referentes a ele. Podem ser citados dois dos mais relevantes guias de orientação e estruturação da

representação documentária em cenário imagético utilizados contemporaneamente: o “*Cataloguing Cultural Objects (CCO): a guide to describing cultural works and their images*”, editado por Murtha Baca et al. (2006) – guia que oferece diretrizes para descrição de obras culturais e suas imagens; e o VRA Core (*Visual Resources Association Core* – Código da Associação de Recursos Visuais da *Library of Congress*) que é um padrão internacional de metadados projetado para descrição de imagens, obras de arte e cultura. O CCO estabelece modos de representação da informação em categorias informacionais de modo que o VRA Core as aplica⁴³.

Intentando integrar todos os aspectos da análise de imagens, Laurent Gervereau propôs uma grelha em três etapas: descrição, contexto e interpretação. Estas etapas se subdividem em particularidades conforme pode ser observado abaixo:

Descrição

Técnica

- Nome do emissor ou dos emissores (no caso autores ou artistas da obra/documento);
- Modo de identificação dos emissores;
- Data de produção;
- Tipo de suporte e técnica;
- Formato;
- Localização.

Estilística

- Número de cores e estimativa das superfícies e da predominância;
- volume e intencionalidade do volume;
- organização icônica (quais são as linhas diretrizes?)

⁴³ Para informações mais aprofundadas, sugere-se o acesso aos sites: <http://cco.vrafoundation.org/> e <http://core.vraweb.org/>.

Temática

- Qual o título e que relação texto-imagem;
- Inventário dos elementos representados;
- Que símbolos;
- Quais as temáticas gerais? (qual o sentido primeiro?).

Estudo do contexto

Contexto a montante

- De que meio técnico, estilístico, temático, vem esta imagem?
- Quem a realizou e que relação tem com a sua história pessoal?
- Quem a encomendou e que relação tem com a história da sociedade do momento?

Contexto a jusante

- A imagem conheceu uma difusão contemporânea da altura da sua produção ou difusões posteriores?
- Que indícios ou testemunhos temos do seu modo de recepção ao longo do tempo?

Interpretação

- Significações iniciais, significações posteriores;
- Os criadores da imagem sugeriram uma interpretação diferente do seu título, da sua legenda, do seu sentido primeiro? Que análises contemporâneas do seu tempo de produção podemos encontrar?
- Que análises posteriores?

Balanço e apreciações pessoais

- Em função dos elementos fortes revelados na descrição, no estudo do contexto, no inventário de

interpretações ao longo do tempo, que balanço geral podemos fazer?

- Como vemos hoje esta imagem?
- Que apreciação subjetiva relacionada com o nosso gosto individual – anunciada como tal – lhe podemos dar?

É observável que as categorias propostas acima evocam especificidades imagéticas e um nível de subjetividade consideravelmente alto. Porém, a metodologia proposta por Gervereau (2007) não foi elaborada para fins documentários, por isso o nível de subjetividade presente nas categorias propostas.

Na Ciência da Informação, porém, deve-se evitar esta segunda sob a penalidade de tornar a representação tendenciosa e enviesada, embora reconheça-se importante para alguns tipos específicos de acervos. Cientes desta questão, Moreiro González e Robledano Arillo (2003)⁴⁴ apresentam os seguintes níveis de significação da imagem, com exemplos (Quadro 2):

Quadro 2. Níveis de significação da imagem.

Função	Nível e categoria	Descrição	Exemplos
Identificadora	Biográfico	Informações sobre a imagem como documento	Autor, data de criação, tamanho, cor, título, técnica empregada, local...
	Conteúdo estrutural	Objetos significativos e sua relação física na imagem	Tipos de objetos, composição, posição e tamanhos relativos...
Descritiva	Conteúdo de conjunto	Classificação genérica da imagem	Tipo de imagem: retrato, paisagem, documentário...

⁴⁴ Estes são pesquisadores na área da Ciência da Informação.

	Precisão dos objetos	Identificação de cada objeto	Nome próprio e detalhes de cada pessoa e de cada objeto
Interpretativa	Interpretação da imagem em conjunto	Disposição do conjunto	Palavra ou frase que resume a imagem: feliz, horrível...
	Interpretação dos objetos	Disposição dos objetos individuais	Alguém triunfante, alguém derrotado.

Fonte: Moreiro González e Robledano Arillo (2003, p. 15).

Várias são as metodologias e modos de organizar e representar a informação imagética como pôde ser visualizado nos exemplos acima. Porém, é sempre importante ressaltar que cada instituição personaliza e trabalha os campos informacionais de acordo com suas especificidades e objetivos, levando em consideração que as mesmas só fazem sentido se funcionarem para a recuperação da informação pertinente. Embora a interoperabilidade seja uma tendência compulsória contemporânea a heterogeneidade das instituições e seu caráter singular devem ser mantidos.

3.1 O ASSUNTO

Adentrando às questões mais particulares atreladas ao assunto das imagens, compartilha-se o pensamento de Smit (1987) quando expõe que o termo abstrato limita o significado de uma imagem, fixando uma leitura em detrimento de inúmeras outras, fato que justifica a atribuição de conceitos mais concretos. Neste sentido, é importante separar a denotação (o que a imagem mostra, ou, “o que se vê”) da conotação (o que as pessoas veem na imagem, ou, “o que se interpreta”), sabendo que a própria legenda ou o contexto já nos desviam para a conotação. Existe, portanto, um grande dilema para o profissional que trabalha com representação de imagens, que é o equilíbrio a ser encontrado entre a análise dos detalhes de uma imagem, que são importantes, e o descarte dos detalhes

“insignificantes”, para ser preciso, sem ser específico demais (SMIT, 1987).

Ginette Bléry⁴⁵ desenvolveu uma proposta voltada especificamente ao conteúdo das imagens, adaptado por Smit em seu texto (Quadro 3):

Quadro 3. Representação do conteúdo de imagens.

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
Quem	Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
Onde	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex., São Paulo ou interior de danceteria).
Quando	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex., 1996, noite, verão).
Como/O que	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p. ex., cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: Smit (1996, p. 32).

A partir desta lista de categorias informacionais, é possível descrever de modo objetivo o que as imagens mostram, e, em caso de dúvidas (imagens de difícil identificação – tanto por problemas de conservação como de indefinição) é apropriado perguntar a um especialista. Tais categorias unidas à proposta de facetas de Ranganathan (*Colon Classification*) e a classificação de imagens da Biblioteca Nacional de Paris são visualizadas conjuntamente em quadro de Sara Shatford (1986) em que estão submetidas diretamente às categorias “específico de”, “genérico de” e “sobre” (Quadro 4).

⁴⁵ BLÉRY, G. La mémoire photographique. *Interphototheque*, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.

Quadro 4. Classificação de assuntos das imagens.

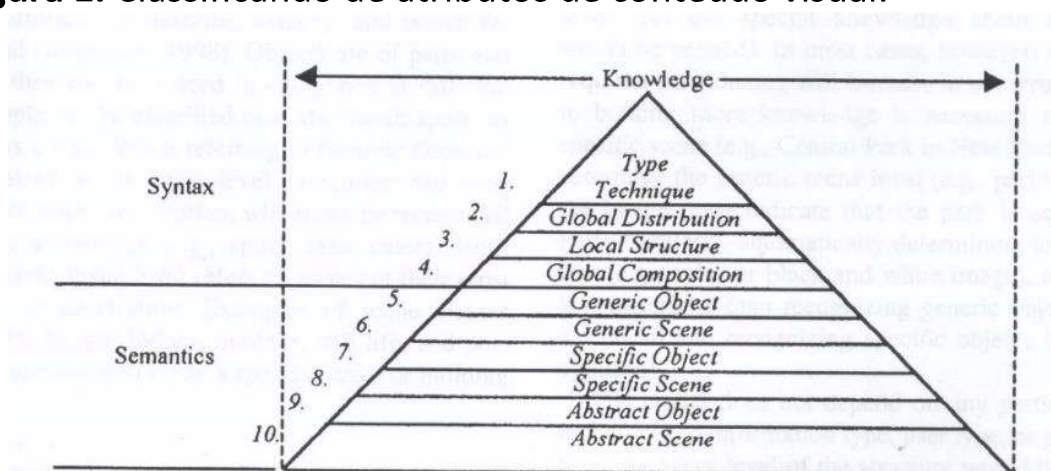
Ranganathan	Bibliothèque Nationale	FACETS	Specific of	Generic of	About	Non-face-specific Aboutness
Personality Matter	Anthropomorphic Zoologic Mineral Manufactured objects	WHO? animate and inanimate; Concrete objects and beings	Individually Named persons, animals, things	Kinds of persons, animals, things	Mythical beings (Generic/Specific) Abstractions manifested or symbolized by objects or beings	
Energy	Actions, Themes	WHAT? are the objects and beings doing? (actions, events, emotions)	Individually named events	Actions, conditions	Emotions Abstractions manifested by actions, events	
Space	Place	WHERE? Locale, site place, geographic architectural	Individually named geographic location	Kind of place geographic or architectural	Places symbolized (Generic/Specific) Abstractions manifested by locale	
Time	Time	WHEN? time; linear or cyclical	Linear time; dates or periods	Cyclical time; seasons time of day	Emotions or abstractions symbolized by or manifested by time	

Fonte: Shatford (1986, p. 49).

Na leitura de Shatford (1986), as quatro categorias apresentadas por Ranganathan mantêm relação direta com as da Biblioteca Nacional da França e com as questões colocadas por Bléry (1981) para identificação do conteúdo das imagens. É possível então, atribuir palavras que representam a imagem sobre certos pontos de vistas. A título de exemplificação, uma análise da faceta “espaço”, que corresponde a “lugar” e à pergunta “onde?”, poderia ser resolvida da seguinte forma: especificamente na “Torre Eiffel” ou em “Paris”, genericamente “no continente Europeu” ou “em uma torre” e, sobre “Romance”, “Amor”, “Paixão”, “Luz”.

Em artigo publicado em 2001, Jörgensen et al. sistematizaram algumas das teorias acima expostas propondo uma estrutura “piramidal” para classificar atributos de conteúdo visual a fim de trabalharem empiricamente com descritores de ordem imagética (Figura 1).

Figura 1. Classificando de atributos de conteúdo visual.



Fonte: Jörgensen *et al.* (2001, p. 939).

A pirâmide está subdividida em dois grandes níveis: sintático e semântico, sendo que os quatro primeiros se referem ao sintático e relacionam-se diretamente à percepção; os seis seguintes são conceitos visuais concebidos ao nível semântico. Foram três os fatores principais que orientaram a construção do modelo: a abrangência (alcance) das descrições; pesquisas relacionadas em

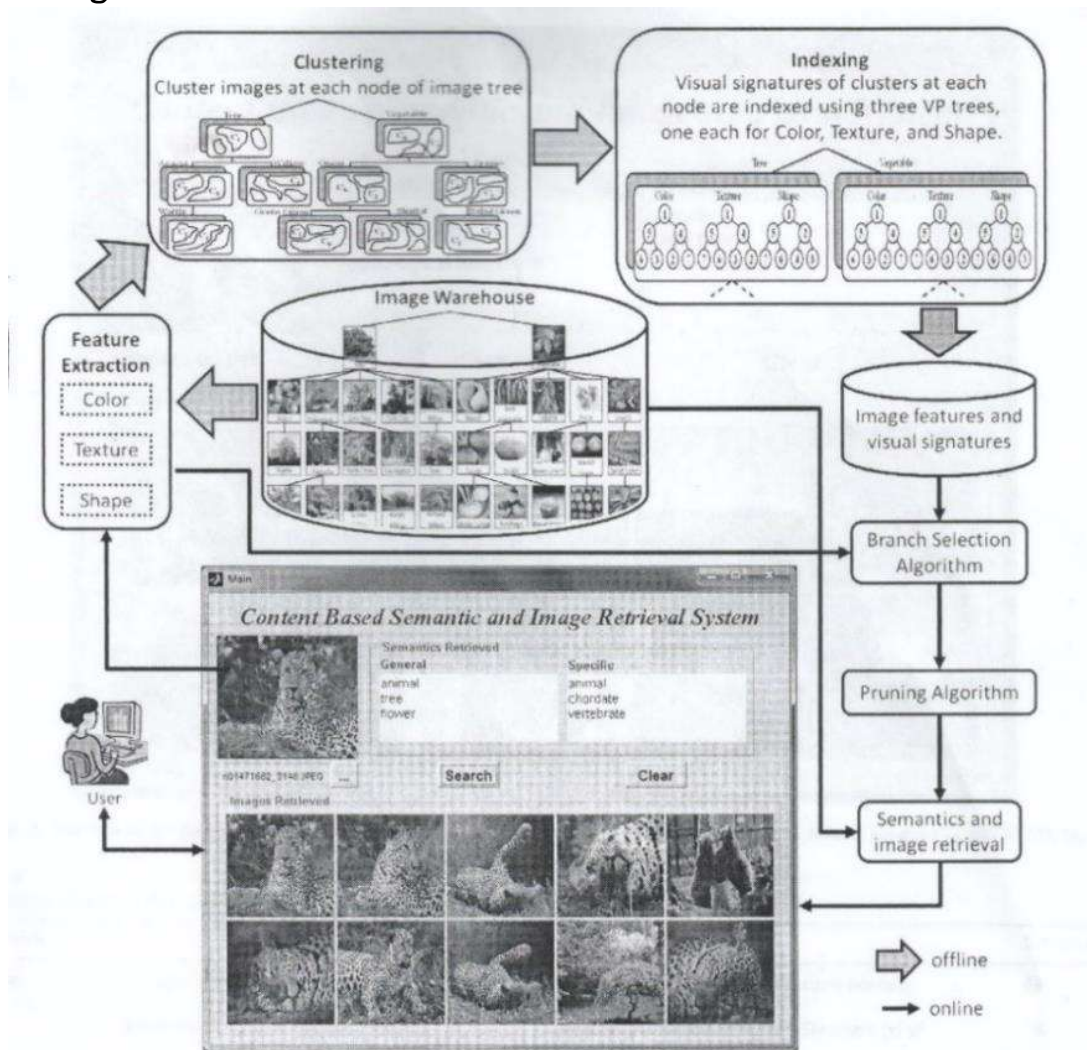
vários campos; e generalidade (JÖRGENSEN et al., 2001, tradução livre).

Em nível sintático, tem-se: tipo/técnica que visa descrever o tipo geral da imagem ou a técnica usada para produção como por exemplo: imagem em branco e preto ou colorida, óleo sobre tela, etc. A distribuição global classifica a imagem baseada em seu conteúdo global em termos de características perceptivas elementares como cor preponderante e textura. A estrutura local diz respeito à extração e caracterização de componentes individuais da imagem como linha, ponto, tom, cor e textura. A composição global fecha o nível sintático com a descrição do arranjo específico da imagem, analisando-a como um todo. Análises tradicionais em arte descrevem os conceitos de composição como equilíbrio, simetria, centro de atenção, linha principal, ângulo de visão. Segundo os autores categorias deste nível não requerem conhecimento de mundo para indexação, por este motivo, técnicas automáticas podem ser usadas para extrair informação relevante, fato que não é possível com as categorias de nível semântico, atribuídas aos humanos (JÖRGENSEN et al., 2001, tradução livre).

Integram o nível semântico categorias que trabalham objeto e cena das imagens em seus aspectos genérico, específico e abstrato. Objetos assim como cenas podem se localizar em categorias de níveis diferentes dependendo de sua especificação. A descrição do objeto genérico é o nível mais geral (maçã, homem, chapéu). A cena genérica de modo similar diz respeito ao nível mais geral da cena como por exemplo cidade, retrato, paisagem. É exemplo de objeto específico Bill Clinton, e de cena específica Paris. A faceta “abstrata” remete ao conhecimento especializado ou interpretativo que o indexador possui para representar o objeto ou a cena, sendo que tal operação pode ser considerada completamente subjetiva e variada. Por exemplo, uma mulher em determinada pintura pode representar raiva para um observador e pensativa para outro (Objeto abstrato). A cena abstrata deve remeter ao que ela representa como um todo; são exemplos tristeza, felicidade, poder, céu, paraíso (JÖRGENSEN et al., 2001, tradução nossa).

Ainda sobre metodologias de representação do assunto da imagem, mais recentemente Pandey et al. (2016) propuseram um fluxo de processos baseado em conteúdos semânticos para sistemas de recuperação utilizando-se de algoritmos extraídos de características dos registros visuais. A recuperação de imagens feita pelo usuário é realizada a partir da seleção de categorias (gênero/espécie) pré-estabelecidas por agrupamento e indexação destes documentos. A referida proposta de fluxo pode ser verificada pela Figura 2:

Figura 2. Proposta baseada em conteúdo semântico e recuperação de imagens.



Fonte: Pandey et al. (2016, p. 574).

Segundo os autores, esta proposta é “totalmente automática e não requer nenhuma intervenção manual ou feedback do usuário para a tarefa especificada”, sendo que o “grupo de imagens pertencentes a uma categoria e a identificação de grupos dominantes ajudam a resolver a variabilidade e a abrangência coberta por esta semântica” (PANDEY et al., 2016, p. 589). Embora os resultados da pesquisa tenham sido encorajadores conforme explicitação de seus investigadores, os mesmos consideram que o retorno dos usuários auxiliaria na performance do sistema revelando possíveis problemas.

Similarmente ao que ocorre na elaboração da informação documentária⁴⁶ manual, é necessário, de modo prévio, a “organização” das informações mais relevantes em categorias semânticas a fim de que se estabeleça controle e seguridade no momento da recuperação.

Retomando as principais conclusões a que chega Birger HjØrland (2016) sobre os assuntos dos documentos (de modo geral) estudados pela Biblioteconomia e Ciência da Informação, tem-se que:

- Qualquer abordagem para representação de assunto está conectada a um certo entendimento de “assunto”, frequentemente implícito.
- Definições diferentes ou visões implícitas de “assunto” estão atreladas a diferentes abordagens e paradigmas em Ciência da Informação. O conceito “assunto” não pode ser devidamente entendido ou desenvolvido sem considerar questões teóricas básicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação.
- A atividade de atribuição de um rótulo de assunto a um determinado documento visa facilitar certos usos desse documento em

⁴⁶ Informação documentária é entendida neste contexto como os produtos, processos e ferramentas que englobam todo o tratamento temático da informação.

detrimento de outros. Esta atividade é realizada por alguém ou por um algoritmo baseado em seu conhecimento, teorias, condições de trabalho, etc.

- Qualquer documento tem um alcance ilimitado de usos possíveis ou potenciais. O objetivo da análise de assunto é identificar os mais importantes potenciais a fim de facilitar a identificação dos documentos que apoiam importantes atividades humanas. Os assuntos de um documento são seus potenciais informativos e epistemológicos, que tem potencial de informar os usuários e avançar no desenvolvimento do conhecimento (HJØRLAND, 2016, p. 13, tradução nossa).

A adequada representação de imagens possibilita atribuir significados que possuem grande potencial gerador de conhecimentos. É fato que, conforme enuncia Joly (2008, p. 153), “As imagens transformam, portanto, os textos, mas os textos, por sua vez, transformam as imagens”.

4 SIGNIFICAÇÃO DA INFORMAÇÃO

As imagens podem ser também chamadas de textos visuais, que no campo da semiótica se referem a um discurso que pode ser submetido a processos analíticos, que segmentam e sequenciam seus níveis de representação, abordando as obras como estruturas comunicativas organizadas. É a busca pelos sentidos possíveis, que possibilite compreender as intenções do autor e o propósito da obra para encontrar seu significado. Sumariamente, signo pode ser definido como:

Entidade semiológica que substitui o objeto a conhecer, representando-o aos indivíduos e apresentando-se-lhes em lugar do objeto. O

signo sempre estabelece uma relação entre dois objetos relatados. Assim, combina um elemento perceptível ou sensível a um elemento inteligível para constituir a relação. Ao primeiro elemento se chama desde **Saussure**, significante e ao segundo, significado; ao resultado, significação (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 338).

A título de exemplificação, apresenta-se o **signo** abaixo (Figura 3):

Figura 3. Signo Casa.



Fonte: <https://pt.freeimages.com/photo/paper-house-1508508>. Acesso em: 1 out. 2018.

A fim de explicar tal signo, prossegue-se com suas características essenciais: significante e significado. No significante, materializam-se imagens e/ou sons que a palavra representa, foneticamente C – A – S – A. Já o significado é o conceito intangível embutido na imagem. No caso, moradia, qual equivale a um espaço construído pelo ser humano, cuja função é abrigá-lo e protegê-lo. O laço que une significante e significado é arbitrário, isto é, não existe

entre eles nenhum laço natural na realidade (LOPES, 1993; FIORIN, 2003).

Pode-se dizer que a relação entre as pessoas se dá por meio dos signos, já que a materialização do pensamento, ideia ou qualquer outra manifestação do espírito passa compulsoriamente pela elaboração de signos. É, portanto, suporte da comunicação humana.

[...] abordar ou estudar certos fenómenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu **modo de produção de sentido**, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações (JOLY, 2008, p. 30, grifos da autora).

Existe uma relação de similaridade entre informação e signo, pois ambos “representam” algo. Segundo Toutain (2007, p. 92), “[...] signo é, pois, tudo que representa outra coisa, em algum aspecto, para alguém”. Daí o fato de ser estreita a relação entre a Semiótica e a Ciência da Informação. Por isso o sentido só se produz quando concerne às experiências do indivíduo, à sua formação cultural e aos valores que vão influenciar a interpretação (TOUTAIN, 2007).

O signo permite a formação do conceito e, assim, representa o real e estabelece uma relação de significação. Por meio da linguagem, a humanidade assimila a cultura, perpetua-a ou a transforma. O signo permite a expressão de algo em determinada linguagem, seu valor advém do conjunto das circunstâncias morfológicas, fonéticas, ortográficas, que o rodeiam e o esclarecem. Neste sentido, tem-se a linguagem como um recorte da realidade de modo particular e, conseqüentemente, uma hipótese de organização a partir das relações existentes. A informação se expressa a partir de linguagens que, por si, comportam um elemento de sentido.

Tendo como base tal assertiva, pode-se inferir que a imagem, se tomada como um tipo de linguagem, expressa-se a partir de signos e, portanto, significa e informa. De acordo com Charles Sanders Peirce, signo é:

[...] qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu *interpretante*) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu *objeto*), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum* (PEIRCE, 2005, p. 74).

Um signo é a expressão de algo através de outro algo, “pois só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (signo)” (SANTAELLA, 2007, p. 58).

O processo semiótico investigado por Peirce se desenvolve em três grandes fases e/ou categorias do conhecimento, “que são os modos como os fenômenos se apresentam à consciência” através de um “pensamento-signo”, são elas: primeiridade, secundidade e terceiridade (MONTEIRO, 2006; SANTAELLA, 1983).

A primeiridade é a primeira forma de apreensão do mundo e das coisas, e refere-se ao sentimento. Segundo Monteiro (2006, p. 46) “ainda não se trata de sensação ou pensamento articulado”. A continuação do processo semiótico, se acontecer, é dado pela reação – relacionada à existência ou corporificação material do que é sentido, processo este que se denomina de secundidade. A terceiridade tem como característica fundamental a realização da semiose através do signo que se localiza no terreno da razão, envolvendo elementos como cognição, tempo, mediação, mente e aprendizado (MONTEIRO, 2006). Portanto, a terceiridade é a “mediação necessária da palavra para representar conceitos ou ideias” (MONTEIRO, 2006, p. 47).

Sob este prisma fica evidente que o desenvolvimento dos processos de representação da informação (verbalizada) auxilia diretamente a efetivação da terceiridade, já que visa a recuperação (por meio da representação/mediação) dos documentos e sua posterior apreensão. Em outros termos, os processos de

representação da informação, em sua gênese, relacionam-se à terceiridade.

Lara (2006) intitula “semiose documentária” ao processo que envolve a estruturação da linguagem documentária e seus relacionamentos no interior desta ferramenta de modo que torna evidente a organização informacional que auxilia na “interpretação do significado das chaves de recuperação”. Neste sentido, “o signo documentário faz parte de um sistema sógnico cuja unidade sógnica mínima é o descritor, elemento indivisível” (LARA, 2006, p. 27).

O signo como representação da realidade e elaborado para fins documentários deve se inscrever em uma linguagem controlada a fim de possibilitar o acesso padronizado por meio de termos previamente estabelecidos.

Buscando maior precisão e eficiência dos instrumentos de representação, procura-se eliminar os atritos entre a linguagem e a coisa a ser representada por meio da construção de uma relação, a mais simétrica possível, entre descrição e objeto e da proposição de significado e representação que ela exprime, que se dá pela estrutura (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 49).

É essencial que documento representado e usuário compartilhem o mesmo código além de estarem conectados por uma estrutura organizativa comum, denominada linguagem documentária e que pode variar desde os vocabulários controlados até as ontologias. Trabalhando a questão do conceito como estrutura semiótica, Azevedo Netto (2008, p. 54) afirma que

Para a efetiva transferência da informação, há necessidade de uma organização e classificação dos conceitos em unidades que possibilitam a interlocução entre membros de uma mesma comunidade discursiva.

Lara (2006, p. 20) quando conceitua elementos de semiótica para ação documentária esclarece que o signo é sempre relacional e “representação parcial do objeto, sendo produto de uma série de relações no interior do sistema em que é formulado”.

O signo, em termos documentários, pode ser visualizado através do descritor dentro de uma linguagem controlada e também por meio da união deles quando da busca para recuperação da informação. Essencial, porém, é identificar os critérios de como este foi pensando anteriormente à sua recuperação, fato que revela recorte temático evidente e orienta a significação documentária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação realiza atividades fundamentais que favorecem o encontro usuário-informação, uma vez que trabalha com representações dos documentos que auxiliam na tomada de decisão sobre a relevância dos materiais. No cenário imagético, os processos que envolvem essas representações estão permeados por teorias e metodologias que necessitam de competências e aptidões particulares, tornando o trabalho do profissional um tanto mais cuidadoso e instigante.

Com base nas metodologias apresentadas é possível executar o trabalho documentário em imagens a partir de etapas que possibilitam a representação do material para elaboração de produtos (registros) a fim de que os usuários alcancem a significação dentro de um ambiente específico. O signo permite a expressão de algo em determinada linguagem; assim, a informação extraída da imagem pode ser traduzida para um vocabulário controlado que favoreça sua recuperação e posterior assimilação.

As imagens são veículos informacionais ágeis e, potencialmente comunicativos, pois trazem em seu bojo características que possibilitam além do reconhecimento de um local, de uma época, de um assunto, a perpetuação da memória humana por perspectivas diferentes. Deste modo, e reanalizando as

categorias de metadados a serem preenchidas pelo profissional da informação, e que envolvem tanto a parte descritiva como a de assunto, é possível indicar com maior refinamento os signos documentários (descritores) que operarão para a formação do sentido⁴⁷ apresentado nas imagens.

A possibilidade mais interessante que as tecnologias da informação e comunicação (TIC) oferece para a Ciência da Informação é a de transformar uma imagem material (analógica) em digital, inserir sua representação informacional de modo integral e efetivar maior distribuição da informação visual, potencializada pelo advento da internet que a faz compartilhável.

REFERÊNCIAS

- AGUSTÍN LACRUZ, M. C. La lectura de las imágenes fotográficas orientada hacia la representación documental. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 55-88, 2015.
- AZEVEDO NETTO, C. X. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. **TransInformação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 47-58, 2008.
- BACCA, M. et al. (Ed.) **Cataloging Cultural Objects: a guide to describing cultural Works and their images**. Chicago: American Library Association, 2006.
- BLÉRY, G. La mémoire photographique. **Interphototheque**, Paris, n. 41, p. 9-33, 1981.
- CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.
- CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.
- FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Lingüística**: I. Objetos teóricos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- GERVEREAU, L. **Ver, compreender, analisar as imagens**. Lisboa, PT: Edições 70, 2007.

⁴⁷ Este sentido pode variar de acordo com a bagagem cultural e conhecimento do receptor da informação.

HJØRLAND, B. Subject (of documents). **Encyclopedia of Knowledge Organization**. 2016. Disponível em: <http://www.isko.org/cyclo/subject>. Acesso em: 27 set. 2018.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, PT: Edições 70, 2008.

JÖRGENSEN, C. et al. A conceptual framework and empirical research for classifying visual descriptors. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 52, n. 11, p. 938-947, 2001.

LARA, M. L. G. de. É possível falar em signo e semiose documentária? **Encontros Bibli: revista eletrônica de Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 2, n. esp., p. 18-29, 2 sem. 2006.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MONTEIRO, S. D. Semiótica Peirceana e a questão da informação e do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 2, n. esp., p. 43-57, 2 sem. 2006.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A.; ROBLEDANO ARILLO, J. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: UFPR, 2003.

PANDEY, S. et al. A semantics and image retrieval system for hierarchical image databases. **Information processing and management**, v. 52, p. 571-591, 2016.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RIBEIRO, A. M. C. M. **Catálogo de recursos bibliográficos pelo AACR2 2002**. Brasília: Ed. do autor, 2003.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SHATFORD, S. Analyzing the subject of a Picture: a theoretical approach. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. *In*: SMIT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, 1996.

TOUTAIN, L. M. B. B. Representação da informação visual segundo a ontologia e a semiótica. *In*: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: UFBA, 2007.

Luciana Moreira, Jacqueline Souza e Gabrielle Tanus (Org.)

VRA Core. Disponível em: <http://core.vraweb.org/>. Acesso em: 7 fev. 2018.